

## “Pode Sair Algo Bom de Nazaré?” (Jo 1.46)

### Origens Nebulosas de Nosso Salvador<sup>1</sup>

Uwe Wegner

#### 1. Introdução

A tradição cristã convencionou localizar o escândalo que representou Jesus na fase final de sua vida; é, mais precisamente, a cruz que usualmente é colocada como a grande pedra de tropeço do cristianismo. Paulo formulou este fato assim: “Pois a linguagem da cruz é loucura para os que se perdem (...). Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para judeus e loucura para pagãos” (1 Co 1.18-23).

Teólogos da libertação, entre outros, têm se empenhado em mostrar que não cabe exaltar isoladamente a morte e cruz de Jesus como fatos e marcos determinantes da salvação da humanidade. A cruz, como escândalo, não seria tanto um fato isolado do fim da vida de Jesus, e sim muito mais o desfecho de toda uma tendência desta mesma vida, tendência conflituosa, de oposição e resistência à ordem social e religiosa vigente. Neste sentido assim se expressa, p. ex., L. Boff:

Redenção é fundamentalmente uma praxis e um processo histórico que se verifica (se faz verdadeiro) no embate de uma situação. Jesus começou a redimir já com a práxis nova que postulou e introduziu dentro do mundo que encontrou (...) Nesta vida que inclui tudo, também a morte e a ressurreição, é que se mostrou a salvação e a redenção: (...) em gestos e atos na unidade conseqüente de uma vida totalmente autodoada aos outros e a Deus.<sup>2</sup>

J. Jeremias confirma inteiramente esta posição em sua *Teologia do Novo Testamento*. Também para ele o escândalo de Jesus de Nazaré não surgiu primeiramente na sua crucificação. Ele é, antes, da opinião de que já o “andamento externo” da vida de Jesus implicava perigo de vida por uma série de razões. Diz este autor:

Ao ser acusado de expulsar demônios com a ajuda de Beelzebul (Mt 12,24 par.), significa que é acusado de exercer magia, o que merecia o apedrejamento. As acusações de blasfemar contra Deus (Mc 2,7), de ser um falso profeta (Mc 14,65 par.), de ser um filho rebelde (Mt 11,19 par.; cf. Dt 21,20s) e de infringir o Shabbat, cada uma destas acusações configura um delito passível de pena de morte.<sup>3</sup>

A estas razões “legais” e “convencionais” da morte de Jesus colocadas por

Jeremias poder-se-iam acrescentar ainda algumas outras, mormente as relacionadas com a esfera da economia e política. Uma “cruz” na vida de Jesus representou sua crítica à prática de abuso do poder econômico no templo. Quando denunciou o templo como uma casa de ladrões (Mc 11.17), consta que a reação imediata de sumos sacerdotes e escribas foi a de “procurar um modo de lhe tirar a vida” (Mc 11.18). Na mesma direção aponta também a história dos vinhateiros homicidas (Mc 12.1-12), em que a crítica de Jesus a uma privatização da herança comunitária levou os detentores do poder a exclamarem: “Vamos, matemo-lo, e a herança será nossa!” (Mc 12.7,12). Sintomática é também a reação do tetrarca Herodes a Jesus e ao movimento por ele desencadeado: este era politicamente tão subversivo ao ponto de fariseus terem em certa ocasião vindo a Jesus para preveni-lo: “Retira-te, e vai-te daqui, porque Herodes quer matar-te.” (Lc 13.31.)

Todos esses motivos confirmam o que a teologia latino-americana vem enfatizando nos últimos anos: não é correto se separar o final trágico da vida de Jesus daquilo que representou o cerne e o centro de toda a sua atividade. A cruz não foi um acidente de final de percurso; ela acompanhou o Salvador desde o início de suas atividades na Galiléia (Marcos) e Judéia (João). O escândalo que representou o final trágico da cruz estava, pois, solidamente embutido no todo de sua atividade terrena.

Contudo, o escândalo que representaram a vida e a morte de Jesus não pode ser entendido em toda a sua abrangência se não atentarmos também para os inícios dessa vida polêmica e estigmatizada, a saber, para as origens de Jesus. Nossa tese é a de que o escândalo que representou a vida de Jesus não está só embutido no final trágico da cruz, nem só inserido na conflitividade de suas ações terrenas, mas também claramente transparente nas condições que lhe deram origem. Procuraremos comprovar esta tese atentando para um pequeno fato, qual seja, o seu lugar de nascimento.

## **2. Onde, afinal, Nasceu Jesus?**

### **2.1. Belém como Cidade Natal de Jesus**

A pergunta acima, se formulada para qualquer membro comum da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e mesmo de outras igrejas, teria uma resposta óbvia: “Jesus nasceu em Belém.” Foi neste sentido que cantamos desde crianças: “Noite feliz, noite feliz! O Senhor, Deus de amor, pobre e humilde nasceu em Belém...” Várias outras canções de Natal aludem a este fato. Assim, p. ex., também o conhecido hino nº 24 do nosso hinário *Hinos do Povo de Deus*: “Ó vinde, meninos, não falte ninguém. Ó vinde ao presépio, ó vinde a Belém! E vede o que Deus esta noite nos deu: seu Filho Jesus por nós todos nasceu.”

A tradição do nascimento de Jesus em Belém tem também um respaldo

bíblico. Se consultarmos uma concordância, veremos que referências a esse nascimento de Jesus encontram-se nos seguintes lugares:

nas histórias do nascimento de Jesus em Mateus: Mt 2.1,5,6,8,16;

nas histórias do nascimento de Jesus em Lucas: Lc 2.4,15.

Em Mateus destaca-se o fato de que as Escrituras predizem que o Messias haverá de nascer em Belém. O Evangelho de Mateus está interessado em mostrar que Jesus é o Messias aguardado. Em Lucas não há esse interesse messiânico em relação a Belém: Lucas unicamente constata que Jesus nasceu em Belém pelo fato de José precisar submeter-se a um censo e por Belém ser sua cidade natal.

Fato é que dentro dos quatro evangelhos Belém como lugar do nascimento de Jesus não aparece mais. A cidade é citada só mais uma vez no Evangelho de João como cidade do Messias, mas aí justamente não como cidade do nascimento de Jesus (cf. Jo 7.37-44).

Com exceção dos dois primeiros capítulos de Mateus e Lucas não há nenhuma outra parte do NT que afirme ou mesmo tenha interesse em destacar que Jesus nasceu em Belém. Belém simplesmente não é mais citada dentro do NT! Fora do cânon bíblico, as primeiras referências que temos com relação a Belém são sobre a “gruta de Belém” (lugar onde Jesus teria nascido): sobre ela falam no século II Justino (*Dial.* 78), o Proto-Evangelho de Tiago 18,1; Orígenes, *Contra Celso* I, 51; e Orígenes, *In Mateo* 10.17<sup>a</sup>.

O fato de Belém como local do nascimento de Jesus estar atestado unicamente em dois dos evangelhos dentro de todo o Novo Testamento já foi considerado como curioso. Surpreende também que os próprios Mateus e Lucas nunca mais voltem a insistir neste local de nascimento dentro de seus próprios evangelhos. Ora, os evangelhos são conhecidos pelas suas repetições: repetições são um dos meios prediletos para destacar o que se quer acentuar. Com relação a Belém, contudo, isto não é o caso.

Curioso também é que Mateus e Lucas referem-se a um nascimento de Jesus em Belém, *mas o fazem dentro de histórias profundamente diferentes*<sup>5</sup>. Assim, em Mateus Jesus nasce em Belém de forma completamente normal — não há, p. ex., nenhuma referência ao fato de que José e Maria tiveram que viajar para Belém partindo de Nazaré, como em Lucas, e isto devido a um recenseamento convocado por César Augusto. Segundo Mateus, Jesus não viaja para Belém, mas já mora lá. Por outro lado, Lucas não nos informa absolutamente nada acerca de uma perseguição de Herodes contra todas as crianças com menos de 2 anos “em Belém e todos os seus arredores” (Mt 2.16), em virtude da qual José e Maria, com Jesus, tiveram que fugir para o Egito. Em Lucas, eles vão a Belém normalmente por causa de um recenseamento, lá nasce o menino na manjedoura, e voltam para sua cidade natal, Nazaré.

Pergunta-se: como é possível que uma tradição tão profundamente assumida e arraigada no cristianismo como a do nascimento de Jesus em Belém seja atestada de forma tão rara e tão diferenciada nos dois testemunhos de Mateus e Lucas?

Uma possível resposta seria a de que com o passar do tempo, à medida que o evangelho ia se difundindo cada vez mais entre os gentios, talvez não tivesse mais havido necessidade de acentuar o nascimento em Belém. Para gentios que não estavam familiarizados com o AT tanto faria se Jesus tivesse nascido em Belém, Cafarnaum ou Jotapata, já que estas cidades de qualquer forma não representavam para eles nenhum referencial conhecido.

Esta resposta, contudo, não convence. O Evangelho de João e várias cartas do NT estão repletas de referências a Jesus como Messias, e em todas estas teria sido muito bom para a defesa do cristianismo se se reforçasse o fato de ele ter nascido em Belém. Ora, era em Belém que devia nascer o Messias segundo as Escrituras (cf. Mq 5.1ss.). Isso poderia ter representado um ponto de contato interessante entre os evangelistas e os judeus que deviam ser missionados. No mínimo seria uma particularidade que poderia facilitar o contato e a pregação a judeus cristãos. Mas, surpreendentemente, nada disto encontramos, p. ex., em cartas de um apóstolo Paulo<sup>6</sup>.

Outra explicação vai no sentido de interpretar as referências a um nascimento de Jesus em Belém a partir de um interesse “teológico”<sup>7</sup>. É o que faz indiretamente Mateus em Mt 2.1-12 (cf. vv. 4-6). Herodes, apreensivo, indaga aos escribas onde haveria de nascer o Messias. Estes respondem: em Belém da Judéia. E justificam: “porque assim está escrito por intermédio do profeta: ‘E tu Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o guia que há de apascentar o meu povo, Israel’” (cf. Mq 5.1,3; também Is 11.1-6). De acordo com esta tese, o interesse cristão em identificar o Messias judeu prometido com o Messias cristão crido levou a definir a cidade de Belém como o berço geográfico de Jesus. Em Lucas, mesmo que o interesse “teológico” não esteja tão explícito como em Mateus, há também uma pequena referência que poderia apontar em direção semelhante. Lucas narra em 2.4: “José subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, *por ser ele da casa e da família de Davi*”. Quer dizer, em Lucas a origem davídica de José (e de Jesus: cf. Lc 3.23,31) poderia ter levado à associação com Belém como lugar de nascimento. O grande mérito desta hipótese mais teológica é que ela poderia explicar de forma menos embaraçosa que ambos, Mateus e Lucas, afirmem Belém como a cidade de nascimento, embora o façam dentro de tradições fortemente diferenciadas quanto aos seus pormenores.

Mas há ainda uma terceira razão que pode explicar o fato que examinamos. E esta nos parece ser a mais plausível. A razão é a seguinte: as poucas referências a Belém como local do nascimento de Jesus explicam-se pelo fato de ele, na verdade, nem ter nascido nesta cidade. A maioria das tradições evangélicas parece apontar não para Belém, e sim para Nazaré como origem geográfica de Jesus.

## 2.2. Nazaré como Cidade Natal de Jesus

### 2.2.1. O Testemunho do Evangelho de Marcos

Em Marcos não existem histórias da infância de Jesus, muito menos referências a Belém. A origem de Jesus é ali relacionada com uma outra cidade, ou seja, *Nazaré*. Mc 1.9 diz: “Naqueles dias veio Jesus de Nazaré da Galiléia e por João foi batizado no Jordão.” Este texto não chega a sugerir que ele necessariamente tenha nascido em Nazaré, só que “veio de lá”.

Outro texto, já mais interessante, é o de Mc 6.1ss. Almeida o intitula “Jesus prega em Nazaré. É rejeitado pelos seus”. O v. 1 diz: “Tendo Jesus partido dali, foi” — em grego: *eis ten patrida autou*—, ou seja, para a sua “pátria”. Assim traduz a *Bíblia de Jerusalém*. Lá, na sua “pátria” — na sua *patris* —, relata a história, Jesus praticamente não pôde realizar milagres, pois havia muita falta de fé. O interessante neste texto é que a palavra *patris*, que a *Bíblia de Jerusalém* traduz por “pátria”, significa, literalmente, “terra natal”, terra de proveniência, terra de nascimento. Os dicionários podem confirmar este fato<sup>8</sup>.

Mesmo assim, curiosamente, a esmagadora maioria das nossas traduções para o português não falam em “terra natal”, mas dizem só que Jesus foi para a sua “terra”. A *Bíblia na Linguagem de hoje* traduz assim: “Jesus voltou com os discípulos para a cidade de Nazaré, onde tinha morado.” *Mas patris em grego não caracteriza primariamente o lugar de moradia, e sim o de proveniência, de nascimento*<sup>10</sup>. Cabe a pergunta: *por que as traduções não são conseqüentes, por que elas não assumem o sentido da palavra?* Por que só falam em “terra”, ao invés de dizerem “terra natal”?

Minha suspeita é muito simples: por via de regra, quem traduz Marcos já traduziu Mateus antes. Ora, Mateus afirma em seus primeiros capítulos que Jesus nasceu em Belém. O tradutor, quando chega ao Evangelho de Marcos, encontra-se sob o impacto desta afirmação — aliás, confirmada pela tradição majoritária da Igreja e liturgia. O que ele faz? Procura para a palavra *patris* um sentido que não entre em contradição com as afirmações de Mateus. Assim, a terra “natal” acaba sendo traduzida simplesmente por “terra”, ou então, como o faz a *Bíblia na Linguagem de hoje*, por “local de moradia”. Aliás, não é impossível que o próprio Lucas tenha sido influenciado pela sua história da infância de Jesus neste mesmo sentido. Pois ele, à semelhança dos tradutores modernos, explica logo no início de sua perícopa paralela em 4.16 que Nazaré foi a cidade “em que Jesus havia sido criado”. A semelhança dos tradutores, também ele evita o problema à sua maneira, deixando o termo *patris* fora!

### 2.2.2. O Testemunho dos Demais Evangelhos

Se atentarmos para as referências a Nazaré relacionadas com Jesus dentro dos outros evangelhos, o quadro é o seguinte:

*Mateus* cita expressamente esta cidade três vezes: em 2.23, Jesus vai morar em Nazaré; em 4.13, ele sai de Nazaré e vai morar em Cafarnaum; em 21.11 é narrado que na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém “as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, *de Nazaré*, da Galiléia! Pergunta-se: por que não clamavam: “Este é o profeta Jesus, *de Belém*, de Judá?”

*Lucas* cita Nazaré cinco vezes: quatro vezes nos caps. 1 e 2 e uma vez no já referido texto de Lc 4.16 (1.26; 2.4,39,51). Ele é o que mais nitidamente distingue entre Nazaré como lugar de moradia e criação de Jesus e Belém como o seu lugar de nascimento.

Se olharmos, finalmente, para o *Evangelho de João*, veremos que ele contém, logo no seu início, duas referências de extrema importância. João não conhece Belém nem tem uma história de nascimento semelhante a Lucas ou Mateus. Ele fala do Verbo que havia no princípio, do Verbo que era Deus, do Verbo que estava em Deus e do Verbo que habitou entre os homens, uma luz que alguns receberam na fé e que outros rejeitaram: “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus (...).” (1.1ss.)

Se prosseguirmos na leitura do cap. 1 chegaremos aos vv. 43ss. Ali temos a história da vocação de Filipe e Natanael. Lemos nos vv. 43ss.:

No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galiléia e encontrou a Filipe, a quem disse: “Segue-me”. Ora Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: “Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas, Jesus *de Nazaré*, filho de José. Perguntou-lhe Natanael: “*De Nazaré* pode sair alguma coisa boa?” Respondeu-lhe Filipe: “Vem e vê.”

Não temos a menor dúvida de que João está associando a origem de Jesus com Nazaré: isto é sugerido tanto pelo uso da preposição grega *apo* (= “de”), que caracteriza a proveniência, a origem, como também pela alusão à predição dos profetas. Ora, se João fosse da opinião de que Jesus houvesse nascido em Belém, ele não teria escrito: “(...) a quem se referiram os profetas, Jesus, *de Nazaré* (...)”, e sim: “(...) a quem se referiram os profetas, Jesus, de Belém (...)”! Pois, segundo os profetas, o Messias não nasceria em Nazaré, e sim em Belém. Mas aqui, de novo, curiosamente, Belém é omitida e no seu lugar surge Nazaré.

Mais expressivo é este texto por um segundo fato. E este fato é a pergunta de Natanael: “*Pode sair de Nazaré alguma coisa boa?*” Isto significa que Nazaré era cidade mal afamada, estigmatizada, manchada. Ser originário de lá colocava uma pessoa sob suspeita. O que particularmente me interessou quando li este versículo foi saber logo qual era essa má fama que tinha Nazaré e em que tipo de suspeição incorriam os seus habitantes.

Uma breve consulta aos comentários foi decepcionante. Não achei uma explicação sequer para essa má fama de Nazaré. Há, contudo, uma hipótese cujo grau de probabilidade me parece razoável, e esta é de cunho político. Nazaré dista

somente uns 4 a 6 km de Séforis, uma importante cidade da Galiléia e, com certeza, estava direta ou indiretamente sob o seu raio de influência. Ora, de Séforis sabemos por meio de Josefo que, durante as agitações que se seguiram à morte de Herodes, a cidade representou um centro de resistência às tropas romanas de Varo (ano de 4 a.C.: cf. *Guerra Judaica* 2.56,68; *Antiguidades Judaicas* 17.271,289). Não poderia estar a má fama de Nazaré relacionada com as insurreições contra os romanos na época imediatamente anterior à era cristã? Esta hipótese seria tanto mais plausível se, como procurou demonstrar Pinchas Lapide<sup>11</sup>, o próprio pai de Jesus, José, também participou do movimento de resistência armada dos judeus contra os romanos... Estariam os “nazarenos” estigmatizados como pessoas politicamente suspeitas, propensas a desordens? Como quer que seja, ser originário de Nazaré significava ser pessoa mal afamada...

A cidade não era só mal afamada. É muito provável que também fosse totalmente desinteressante, inexpressiva e sem importância. Isto se depreende do fato de que não se encontra mencionada nem no AT, nem por Flávio Josefo e nem mesmo na literatura talmúdica<sup>12</sup>. Nazaré parece ter sido tão sem importância, que a única coisa que, além das referências neotestamentárias, podemos saber dela é pela arqueologia. E a arqueologia descobriu o que já era mais ou menos óbvio: Nazaré teria sido uma vila pequena, com habitantes predominantemente judeus e situada no raio de influência da cidade maior de Séforis<sup>13</sup>. Sua população poderia ter oscilado entre 50 e 400 habitantes<sup>14</sup>.

Pode-se, pois, provisoriamente, chegar a duas conclusões: sendo natural de Nazaré, Jesus a) não era “de cidade”, e sim um “vileiro”, de vila; e b) era pessoa que carregava má fama.

Há ainda um segundo texto em João que se torna muito significativo para a nossa questão. E este se encontra no *cap. 7, vv. 37-44*. O título em Almeida é: “Jesus, a fonte da água viva”. Jesus está em Jerusalém e exclama: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”. Então, continua o texto,

os que dentre o povo tinham ouvido estas palavras diziam: “Este é verdadeiramente o profeta.” Outros, porém, diziam: “Ele é o Cristo.” Outros, porém, diziam: “Ora, o Cristo não vem da Galiléia! Não diz a Escritura, antes, que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?” E assim houve uma discussão entre eles.

Este texto não deixa dúvidas: para aquele pessoal de Jerusalém Jesus não podia ser o Messias, por uma razão bem simples: ele era originário da Galiléia; o Messias, porém, seria originário de Belém. Quer dizer: aquele pessoal sabia muito bem que *Jesus não era natural de Belém!* E o evangelista João seguramente era da mesma opinião; do contrário, teria que ter sinalizado melhor o fato...<sup>15</sup>

O que se pode concluir até aqui considerando o quadro apresentado por Marcos e João? O exame do emprego da palavra “Nazaré” dentro dos evangelhos

mostra que, pelo menos para Marcos e João, é esta cidade, e não Belém, que é considerada como o lugar de origem e nascimento de Jesus.

Pergunta-se agora: há elementos para reforçar ainda um pouco mais esta hipótese?

A resposta é positiva. E a ajuda que temos para este reforço é o emprego de uma palavra derivada de Nazaré, que é “nazareno”! O Evangelho em que ela é mais empregada é o de Marcos. Há nele quatro passagens que falam de Jesus como o “Nazareno”. São elas:

1.24: (Numa cura) o espírito imundo fala: “O que temos nós contigo, Jesus ‘nazareno’? Vieste para perder-nos?”

10.47 (na história da cura do cego de Jericó): “E, ouvindo Bartimeu que era Jesus, o Nazareno, pôs-se a clamar: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!”

14.66 (Pedro nega a Jesus): “Então veio uma das criadas do sumo sacerdote e, vendo Pedro que se aquentava, fixou-o e disse: “Tu também estavas com Jesus, o Nazareno!””

16.6 (na ressurreição): “Ele [o anjo], porém, lhes disse: ‘Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui...’”

Em Lucas, este mesmo nome “nazareno” aparece três vezes (4.34; 18.37; 24.19); em Mateus, nenhuma. Mesmo assim, isto perfaz um total de sete empregos do termo.

Com a expressão “nazareno” acontece coisa idêntica ao que ocorre com todos os nomes derivados de cidades ou países: *por via de regra* designam o local de origem; excepcionalmente, podem também designar o local de moradia (ex.: porto-riquenho = natural de Porto Rico; caribenho = natural do Caribe, etc.)<sup>16</sup>.

Um último indício de que Jesus pode ser natural de Nazaré oferece adicionalmente a palavra derivada “Nazareu”! A comprovação é oferecida por Mt 2.23. É verdade que o termo também pode ter sido derivado de outras palavras, como, p. ex., nazir/nezir — nazireu, ou de *neser* = rebento (p. ex. Is 11.1). Mesmo assim, a possibilidade de que seja tão-somente outra variante para “natural de Nazaré” (Mt 2.23!), ao lado de “nazareno”, é bastante grande, segundo alguns pesquisadores<sup>17</sup>. Se devemos acatar também esta última hipótese, não deixaria de ser significativo que o termo apareça duas vezes em Mateus (2.23 e 26.71), uma vez em Lucas (18.37; seguidamente em Atos: 2.22; 3.6; 4.10; 6.14; 22.8; 26.9) e três vezes em João (18.5,7; 19.19).



### 3. Conclusões

A primeira conclusão que podemos tirar de nosso estudo sobre as origens de Jesus é que não temos sobre elas um testemunho unívoco, claro, absolutamente certo, que não deixe margem a dúvidas. O Novo Testamento oferece duas hipóteses: Belém ou Nazaré. Diante de tal quadro são precisos estudo diligente, raciocínio acurado e o exame da hipótese mais provável. A ciência pode favorecer a admissão de maiores ou menores graus de probabilidade para ambas as hipóteses, dificilmente mais do que isto e seguramente nunca um grau de certeza absoluto.

Certos questionadores do estudo científico nas faculdades de Teologia pouco ajudam quando apregoam que se devem evitá-las com o argumento de que estudos críticos “tudo questionam”, “tudo põem em dúvida”, acarretando a perda ou, no mínimo, a dúvida de fé. Não são propriamente as faculdades de Teologia as responsáveis por isso. É, antes, a própria Bíblia, a própria palavra de Deus que nos convida a passar por esse processo, e o faz justamente pela natureza do seu testemunho, que, tanto no caso das origens de Jesus como numa série de outras questões, nem sempre é unívoco, e sim ambivalente. Concordamos que na passagem por esse processo a aquisição ou o aprofundamento da fé não são facilitados, mas seguramente são melhor firmados.

A segunda coisa que cabe colocar é algo a respeito da criteriologia com a qual podemos lidar nestes casos. A pergunta é: que critérios temos para optar num caso desses? Com base em que, mais exatamente, devemos achar que Jesus tenha nascido em Belém ou Nazaré?

Quanto a este assunto estamos numa situação relativamente privilegiada, pois a pesquisa do pós-guerra logrou oferecer-nos uma grande variedade de critérios pelos quais podem ser facilitados juízos de maior ou menor probabilidade histórica<sup>18</sup>. Para o caso concreto de nossa pergunta, seja-me permitido aplicar unicamente dois desses critérios, à guisa de exemplificação.

O primeiro deles denomina-se “critério de atestação múltipla”. Segundo este critério, “pode ser julgado autêntico um dado evangélico solidamente atestado em todas (ou na maioria) as fontes dos evangelhos (...) e nos outros escritos neotestamentários (...)”<sup>19</sup>. Aplicando o critério ao nosso caso, podemos constatar que Belém como cidade natal de Jesus só aparece em uma das fontes dos evangelhos, a saber, nos evangelhos da infância de Jesus. Já Nazaré (nazareno e, por extensão, nazareu) são testemunhados mais de 20 vezes em múltiplas fontes: nos evangelhos da infância, em Marcos, em João, nas matérias exclusivas de Mateus e Marcos e nos Atos dos Apóstolos. A maior e melhor atestação histórica, portanto, recai sobre Nazaré como local da origem de Jesus.

Mas o critério mais decisivo para o nosso caso me parece ser o critério de cunho teológico. Aqui, nossa teologia luterana é muito clara. Ela diz: na dúvida, olha para a cruz! E te pergunta: qual das duas possibilidades, Belém ou Nazaré,

corresponde mais e melhor à cruz, ao Cristo rejeitado, ao Jesus como pedra de escândalo e tropeço? E, por extensão: qual das duas probabilidades é aquela que melhor poderia ser interpretada como “suavização” desse escândalo, uma conformação do mesmo a expectativas mais óbvias e menos surpreendentes para a época? Para uma teologia luterana, aquela das duas possibilidades que melhor corresponder ao critério da cruz tem a maior probabilidade de corresponder à realidade.

Subjetiva e bem pessoalmente confesso que entre Belém e Nazaré *acho que a mais escandalosa é Nazaré*. Belém tem em comum com Nazaré o fato de ter sido também uma cidade/vila pequena e inexpressiva (cf. Mq 5.2). Mas: ela é de Judá, vem profetizada como cidade do Messias e em nenhum lugar consta que fosse mal afamada. Um nascimento em Belém, portanto, seria pedra de tropeço bem menor... Bem diferente é o caso de Nazaré: esta é uma vila que sequer é citada no AT! É uma vila de má fama: “Pode vir de Nazaré alguma coisa boa?”, pergunta Natanael. É uma vila da Galiléia — e também a Galiléia é estigmatizada no tempo de Jesus. Em Jo 7.52 sumos sacerdotes e fariseus dizem a Nicodemos: “Examina, e verás que da Galiléia não se levanta profeta.”

Em favor de Nazaré falam também as conhecidas tendências em processos de transmissão de tradições sagradas. Geralmente ocorre que os/as transmissores de tradições sagradas costumam maquiagem a imagem do seu Deus ou Salvador para torná-lo melhor, mais belo, mais aceitável. Por isso, se Jesus realmente tivesse nascido em Belém, seria muito difícil entender por que certos textos iriam sugerir posteriormente uma cidade muito mais escandalosa e inexpressiva em termos religiosos como seu local de origem!

Uma terceira questão diz respeito ao processo de conformação das origens de Jesus com dados contidos nas escrituras do AT. Se ele realmente nasceu em Nazaré da Galiléia, significa isto então que aquelas histórias que Mateus e Lucas apresentam nos seus dois primeiros capítulos sobre o nascimento em Belém são “mentira”? Nosso juízo de probabilidade constatou, é verdade, que — do ponto de vista histórico — elas muito provavelmente não estão corretas. Por outro lado, temos também a obrigação de examinar atentamente com que finalidade foram escritas. Ora, o seu objetivo é o de mostrar que Jesus é o Messias prometido. Dentro da cultura religiosa dos hebreus, uma afirmação de que Jesus é o Messias nem podia ser entendida de outra forma do que à luz dos seus escritos sagrados, ou seja, à luz do AT. O que Mateus e Lucas fizeram foi, pois, adequar a mensagem que diz ser Jesus o Messias ao judaísmo. E isto nos parece ser uma coisa bem diferente do que simplesmente uma “mentira”: é, na verdade, um esforço teológico missionário para que judeus pudessem acatar a confissão cristã. Marcos, que escreve para gentios, evidentemente não precisa do mesmo argumento, porque os gentios não tinham tradição religiosa que ligasse um Messias a Belém e Judá.

Um exemplo prático do que estamos querendo advogar poderia ser dado com a inculturação do cristianismo num continente como a África: não seria meio

gozado pretendermos missionar na África perpetuando imagens brancas de Cristo? Em muitas regiões da África, o Cristo crucificado é representado como negro. Deveria também isto representar simplesmente uma “mentira” histórica? Ora, é sabido que dentro da cultura religiosa africana a representação de um Cristo negro pode facilitar em muito a percepção de que o Cristo é também Salvador de negros/as! Parece-nos que é num sentido idêntico que deveremos avaliar a conformação das tradições sobre a origem de Jesus com profecias do AT, mormente as relacionadas com Mq 5.1ss.

Uma quarta consideração está relacionada com um aspecto prático, ou seja, as celebrações de Natal. Praticamente ninguém mais associa o Natal com Nazaré. Deveríamos, pois, incentivar estudos bíblicos neste sentido, talvez até celebrações da data relacionadas com Nazaré? Pelo que foi exposto no ponto anterior, não se trataria, por certo, de simplesmente substituir uma tradição pela outra. Ora, também as tradições relacionadas com Belém são ricas teologicamente. Somos, porém, de opinião que não estaremos prestando um bom serviço à teologia da cruz se simplesmente omitirmos de forma sistemática as tradições sobre o nascimento em Nazaré, como tem ocorrido com frequência. O correto seria, talvez, não fazer celebração de “Natal em Nazaré” sem anteriormente ter preparado a comunidade para absorver a novidade; mas, por outro lado, também não deixar de se empenhar por essa preparação.

Uma última consideração: não deixa de ser interessante como até hoje ainda se atenta para as origens das pessoas para, a partir daí, fazer juízos de tudo quanto é tipo. Hoje não interessa mais tanto a origem geográfica, se as pessoas são naturais de cidade grande ou pequena, da cidade ou do interior. Interessa muito mais se durante a sua vida elas tiveram acesso ao estudo, a faculdades, diplomas e títulos. No Brasil se inculuiu e repassou por séculos a idéia de que são essas as pessoas que têm capacidade e condições de dirigir, governar e mandar. A disputa eleitoral do ano passado nos ofereceu inúmeros exemplos. Meu mecânico particular, quando perguntado se não queria aderir à candidatura de Lula pela Frente Popular, respondeu: “De torneiro chega eu!” O povo, por via de regra, não confia na origem humilde, trabalhista — e Jesus era operário — daqueles que precisam “lutar com as próprias mãos” para poder sobreviver (a exemplo de um Paulo). Há uma desconfiança e insegurança muito grandes em relação a este tipo de origem: duvida-se que vá dar certo. O povo confia mais na origem nobre: “Pode de Nazaré vir alguma coisa boa?” As origens nebulosas de Jesus, natural de Nazaré, nos ajudam, assim, a entendermos também a resistência que em sua época foi oferecida pelo povo e suas elites, tanto em sua vida como em sua morte.

Se é verdade que as origens de Jesus remontam a Nazaré, uma cidade insignificante e mal afamada, e à Galiléia — uma região estigmatizada: “Porventura virá o Cristo da Galiléia?”; “Examina, e verás que da Galiléia não se levanta profeta” (Jo 7.41,52) —, nossa relação com tudo o que é humilde e mal afamado

poderá sofrer um sadio processo de mudança. Não devemos nos esquecer que os/as grandes discípulos/as e apóstolos/as missionários/as eram gente da classe trabalhadora (artesãos, pescadores, agricultores, etc.). Jesus teve coragem de enviá-los/as e contemplá-los/as com grande autoridade, independentemente de seu grau universitário, trajetórias pessoais e origem mais nobre ou humilde. Somos da opinião de que Deus estava querendo sinalizar algo de importante com isto.

De qualquer forma estamos agora mais certos do que antes: a teologia da cruz não tem unicamente algo a ver com o final da vida de Jesus, nem só com sua atividade em palavras e ações durante sua missão terrena. Ela está embutida já nos seus primórdios, no seu nascimento: parece-nos estar intimamente ligada a Nazaré.

### Bibliografia

- BAUER, W. & ALAND, K. e B. *Griechisch-Deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*. 6. Aufl. Berlin, Walter de Gruyter, 1988.
- BLANK, J. *O Evangelho segundo João*; 1ª parte A. Petrópolis, Vozes, 1990.
- BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo — paixão do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- BÖSEN, W. *Galiläa als Lebensraum und Wirkungsfeld Jesu*. Freiburg, Herder, 1985.
- CROSSAN, J. D. *O Jesus histórico; a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.
- FABRIS, R. *Jesus de Nazaré; história e interpretação*. São Paulo, Loyola, 1988.
- HOFIUS, O. Art. Pai. In: *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 1983. V. III, p. 382-389.
- JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*; 1ª parte — a pregação de Jesus. São Paulo, Paulinas, 1977.
- LAMBIASI, F. *Autenticidade histórica dos evangelhos; estudos de criteriologia*. São Paulo, Paulinas, 1978.
- LAPIDE, P. *Warum kommt er nicht?*; jüdische Evangelienauslegung. Gütersloh, Gerd Mohn, 1988.
- MEIER, J. P. *Um judeu marginal; repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro, Imago, 1993. V. I.
- TERRA, J. E. M. *O Jesus histórico e o Cristo querigmático*. São Paulo, Loyola, 1988.

### Notas

- 1 Palestra proferida por ocasião da abertura do 2º semestre letivo de 1994 na Faculdade de Teologia em São Leopoldo (RS).
- 2 Cf. L. BOFF, *Paixão de Cristo — paixão do mundo*, p. 112s.
- 3 Cf. J. JEREMIAS, *Teologia do Novo Testamento*, p. 421s.
- 4 Cf. R. FABRIS, *Jesus de Nazaré*, p. 84.
- 5 Cf. para uma avaliação destas diferenças J. P. MEIER, *Um judeu marginal*, p. 208-214.
- 6 Cf., p. ex., a curiosa omissão de Belém num texto como o de Rm 9.4s., onde uma referência seria muito apropriada.
- 7 Esta é, p. ex., a tese de J. BLANK, *O Evangelho segundo João 4/1*, p. 167: “Belém como cidade

- natal de Jesus é certamente uma tese teológica. Trata-se aqui de corroborar sua descendência de Davi e com isto a sua messianidade.”
- 8 Cf. BAUER & ALAND, *Wörterbuch zum Neuen Testament*, col. 1284, que sugere o sentido de “*Vaterstadt/heimatliches Dorf*”; O. HOFIUS, artigo “Pai”, p. 384 (“cidade natal”), etc. A *patris* parece significar, literalmente, no campo geográfico (= lugar de origem) o que o *pater* significa no físico (= pessoa que deu origem a alguém).
  - 9 Esta tradução faria mais jus a um termo como *ge* (= terra), não *patris*!
  - 10 Cf., p. ex., Lc 4.23. Na passagem sobre Lc 2.3, onde se diz que, em função de um recenseamento, cada pessoa devia ir para sua cidade (= *polis*), o manuscrito D corretamente substituiu a palavra “cidade” por *patris* (= terra natal). Não estamos advogando que o sentido de *patris* como terra natal seja absoluto. É claro que o termo também pode significar local de moradia, ou até ser empregado em ambos os sentidos. Mas se fosse isto o que os autores queriam descrever em Mc 6.1 (e Mt 13.54), poderiam ter usado termos bem mais explícitos, como p. ex. *oikeo/enoikeo*, que significam, literalmente, “morar/habitar”!
  - 11 Cf. P. LAPIDE, *Warum kommt er nicht?*, p. 91-102.
  - 12 Cf. J. D. CROSSAN, *O Jesus histórico*, p. 49s., citando Jack Finegan: “No Antigo Testamento, Js 19,10-15 contém uma lista de todas as cidades da tribo de Zebulon (...), mas não há nenhuma menção a Nazaré. Josefo, que foi responsável pelas operações militares nesta área durante a Guerra dos Judeus (...) cita 45 cidades da Galiléia, mas não toca no nome de Nazaré. Além disso, o Talmude, apesar de se referir a 63 cidades da Galiléia, não menciona Nazaré sequer uma vez.” Crossan conclui: “Em textos literários judeus que englobam quase 1.500 anos de história, portanto, não há uma palavra sequer a respeito de Nazaré.”
  - 13 Cf. as avaliações dos estudos arqueológicos em J. D. CROSSAN, op. cit., p. 49-54, e W. BÖSEN, *Galiläa als Wirkungsfeld Jesu*, p. 101ss.
  - 14 Assim segundo Ben-David, cit. ap. W. BÖSEN, op. cit., p. 105. J. P. MEIER sugere um número bem mais elevado de habitantes: 1.600 a 2.000 (op. cit., p. 275, 278, 313).
  - 15 J. P. MEIER oferece outras possibilidades de interpretação do texto: op. cit., p. 214-216.
  - 16 W. BÖSEN, op. cit., p. 144, mostra que em Israel a diferenciação entre cidadãos de um mesmo nome ocorria de três maneiras distintas: 1. Acrescentava-se ao nome o nome do pai (cf. Mc 1.19; 3.18; Mt 16.17, etc.); 2. Ao primeiro nome seguia-se um apelido (cf. Mc 3.17; Jo 21.2, etc.); 3. Acrescentava-se ao nome o local de origem (cf. Mc 15.21,40,43; Jo 20.1, etc.). Este último é também o caso da expressão “nazareno”.
  - 17 Esta é, p. ex., a opinião de W. BÖSEN, *ibid.*, p. 115-117.
  - 18 Veja a apresentação e aplicação de alguns desses critérios em J. E. M. TERRA, *O Jesus histórico e o Cristo querigmático*, p. 167-175; F. LAMBIASI, *Autenticidade histórica dos evangelhos*, passim; J. P. MEIER, op. cit., p. 169-196, entre outros.
  - 19 Cf. F. LAMBIASI, op. cit., p. 143.

Uwe Wegner  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS